

NARCISISMO E SUA RELAÇÃO COM A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS

NARCISISMO Y SU RELACIÓN CON LA PRÁCTICA DE ACTIVIDADES FÍSICAS Y DEPORTIVAS

NARCISSISM AND ITS RELATION TO THE PRACTICE OF PHYSICAL AND SPORTING ACTIVITIES

Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil

RESUMO

Considerando o problema da motivação para a prática regular de atividades físico-esportivas, o objetivo desta pesquisa é investigar a hipótese de que a experiência narcisista implica movimento e paralisação. Trata-se de um estudo qualitativo apoiado, também, em dados quantitativos. 178 professores de educação física responderam a um questionário que levantou informações sobre os motivos que os levaram a essa formação e sobre seus envolvimento atuais com a prática de atividades físico-esportivas. 16 professores, praticantes de atividades físico-esportivas na juventude e que hoje não mais praticam essas atividades, foram entrevistados. Concluímos que a atividade acadêmico-profissional passa a ocupar o lugar privilegiado na escala hierárquica de objetos que proporcionam prazer narcisista. A atividade físico-esportiva, além de ser deslocada, nessa escala, para um lugar inferior, passa a dialetizar com outros objetos similarmente situados em lugar de menor valor.

Palavras-chave: narcisismo; exercício; motivação.

RESUMEN

Teniendo en cuenta el problema de la motivación para la práctica regular de actividades físicas-deportivas, el objetivo de esta investigación es analizar la hipótesis de que la experiencia narcisista implica movimiento y el paro. Es un estudio cualitativo, que también tiene el apoyo de los datos cuantitativos. 178 profesores de educación física respondieron un cuestionario acerca de las razones que llevaron a esta formación, y su involucramiento actual con la práctica de actividades físicas y deportivas. Fueron entrevistados 16 profesores practicantes de actividades físicas y deportivas en la juventud y que ahora ya no practican más. Llegamos a la conclusión de que la actividad académico-profesional ocupa un lugar privilegiado en la escala jerárquica de objetos que proporcionan un placer narcisista. La actividad física-deportiva, además de ser desplazados, en esa escala, a un lugar más bajo, pasan a dialetizar con otros objetos en situación similar, en lugar de menor valor.

Palabras clave: narcisismo; ejercicio; motivación.

ABSTRACT

Considering the problem of motivation to regular practice of physical and sporting activities, the goal of this research is to investigate the hypothesis that the narcissistic experience implies movement and paralysis. This is a qualitative study supported also on quantitative data. 178 physical education teachers completed a questionnaire that elicited information about the reasons that led to this formation, and about their current involvement with the practice of physical and sporting activities. 16 teachers, practitioners of physical and sporting activities in youth and that today no longer practice these activities, were interviewed. We conclude that academic-professional activity now occupies privileged place in the hierarchical scale of objects that provide narcissistic pleasure. The practice of physical sports activities, besides being shifted to an inferior spot, in the same scale, shall dialectize with other things similarly situated in a lower tiered value.

Keywords: narcissism; exercise; motivation.

Diversas pesquisas têm sido desenvolvidas para estudar o tema da adesão à prática regular de atividades físicas (Costa, Bottcher, & Kokubun, 2009). O que move esta produção, de forma mais ou menos explícita, é certa campanha/estratégia global para alimentação, atividade física e saúde, como a que foi lançada em 2004 pela Organização Mundial de Saúde, ou mesmo os programas de promoção da atividade física que passam a ser disponibilizados à população, e que fazem circular informações sobre os benefícios da vida ativa e os malefícios da vida sedentária (Fraga, 2006; Moretti, Almeida, Westphal, & Bógus, 2009). Em geral, a justificativa para essas campanhas é a promoção da saúde das populações e dos indivíduos, desdobrando-se no sentido da prevenção associada à proliferação de doenças crônicas não transmissíveis. Os programas emergem com a incumbência de recomendar que os indivíduos se envolvam em níveis adequados de atividade física e indicar esses níveis, sublinhando o valor de que esse comportamento seja mantido nos diferentes ciclos da vida (Moretti et al., 2009). Importa ainda dizer que o que emerge como fundamento primeiro associado ao movimento político e interesse científico pelo assunto é que em vários países se tem documentado uma diminuição preocupante do nível de atividade física das populações (Organización Panamericana de la Salud, 2006).

Do quadro acima delineado destacam-se, com efeito, as seguintes evidências: (a) apesar dos discursos que sensibilizam os indivíduos sobre o que se pode colher do sedentarismo, os mesmos não têm se engajado à prática sistemática de atividades físicas, assumindo, então, uma postura vinculada ao que é denominado de comportamento de risco (Palma, 2009); (b) muitas pessoas iniciam a prática de exercícios físicos estimuladas por várias razões, mas não conseguem incorporá-la em seu cotidiano, deixando-a de lado na maioria das vezes (Santos & Knijnik, 2006); (c) estudos que investigam os motivos contribuintes para a adoção de comportamentos ativos seguem, em geral, referenciais teórico-metodológicos provenientes das ciências biomédicas (Castro, Miranda, Silva, Palma, & Resende, 2009), avaliando dados quantitativos insuficientes para dar conta da complexidade das variáveis relacionadas ao problema da adesão a hábitos de prática de atividade física, porquanto a regularidade de um comportamento e a transformação do mesmo em hábito implica múltiplas questões (Moretti et al., 2009); (d) se por um lado é fato que mais investigações de caráter estatístico-biológico necessitam condução sobre esta temática, por outro fica evidente a carência de estudos que deixem de procurar respostas nas superfícies expostas dos fenômenos e mergulhem nas profundezas do objeto investigado (Palma, 2009).

Como observa Coelho Filho (2007), para a prática regular de atividades físico-esportivas é preciso desejo, satisfação de necessidade psíquica; e pergunta o autor: Mas qual é o segredo desse enigma? Por que muitas vezes o sujeito deseja, mas não adquire o comportamento na prática? A determinação, seja “positiva” ou “negativa”, vem de onde?

Por isso, considerando importante a “exercitação física” (Fraga, 2006, p. 15), ou se consideramos importante fornecer subsídios para que as pessoas pratiquem atividades físico-esportivas¹ regularmente, a busca da compreensão aprofundada se faz necessária. Nesse sentido, evocamos o projeto científico da psicanálise, em especial, o “narcisismo” (Freud, 1914/1974), condição de subjetividade e pilar na constituição do “corpo-sujeito” (Birman, 2001).

O objetivo desta pesquisa é investigar a hipótese de que a experiência narcisista, relacionada à atividade físico-esportiva, motivou muitos professores de educação física a buscar essa formação universitária, quando jovens; entretanto, esses professores, quando passam a alimentar o seu narcisismo na atividade acadêmico-profissional, tendem a se distanciar da prática de atividades físico-esportivas. Associamos, na premissa teórica, as atividades físico-esportivas e acadêmico-profissionais aos que podem ser denominados de “objetos da atividade narcisista” (Bleichmar, 1981/1985), isto é, os que permitem que esta se realize. Dito em outras palavras, ao considerarmos o problema da motivação para a prática regular de atividades físico-esportivas, esta pesquisa investiga a hipótese de que a experiência narcisista implica “movimento” e “paralisação”.

Método

Este estudo é de natureza qualitativa. A tradição hermenêutica das abordagens qualitativas parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, e que seus comportamentos seguem a ordenação de um sentido, que não se dá a conhecer de modo imediato, necessitando ser desvelado (Alves, 1991). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (parecer nº 198/2009).

Participantes

A coleta de dados empíricos obedeceu aos critérios de inclusão dos sujeitos: (a) lecionar em curso de licenciatura e/ou bacharelado em educação física (EF) em Instituições de Ensino Superior (IES)

brasileiras, públicas ou particulares; (b) possuir graduação em EF; (c) prontificar-se a participar da pesquisa. O estudo contou voluntariamente com 178 sujeitos, sendo 74 professoras e 104 professores.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram o questionário e a entrevista. O questionário foi composto por seis questões fechadas: as duas primeiras referentes à identificação do ou da respondente (nome, nascimento), a terceira relacionada ao ano de conclusão da sua formação universitária em EF (graduação), a quarta associada aos motivos da opção por essa formação (Tabela 1), e as demais informando sobre o seu envolvimento atual com as atividades físico-esportivas (Tabelas 2 e 3). Esse instrumento foi previamente validado por especialistas, e, através de um estudo-piloto, verificou-se a adequação do mesmo, conforme recomendam Thomas, Nelson e Silverman (2007). As entrevistas, que mais se assemelharam a conversas informais (Alves, 1991), focalizaram a complexidade das relações que envolvem, de um lado, juventude, narcisismo, prática de atividades físico-esportivas e opção pela formação universitária em EF e, de outro, narcisismo, atividade acadêmico-profissional e distanciamento da prática de atividades físico-esportivas. Ressaltamos que a opção pelos instrumentos utilizados para a coleta de dados foi fundamentada no objetivo de produzir um trabalho qualitativo apoiado, também, em dados quantitativos. Como indica Alves (1991), não há dúvidas quanto à validade da utilização de dados quantitativos e qualitativos numa mesma pesquisa, desde que não se distancie da lógica que orienta o processo de investigação que é determinada pelos pressupostos teórico-epistemológicos que caracterizam um dado paradigma (no nosso caso, o das pesquisas qualitativas).

Procedimentos

O contato com os voluntários aconteceu de duas maneiras: (a) com professores e professoras da cidade de Juiz de Fora (MG), foi pessoal, devido à proximidade, e (b) correio eletrônico com professores e professoras que lecionam em outras cidades brasileiras. Os 50 sujeitos contatados na cidade de Juiz de Fora se prontificaram a participar da pesquisa. Do total de 1053 mensagens enviadas para possíveis voluntários de outras cidades brasileiras, 128 (12%) responderam interessados em participar da pesquisa. Devido à nossa proximidade, estabelecemos como critério entrevistar apenas os sujeitos que lecionassem nas IES da cidade de Juiz de Fora. Os entrevistados foram os que declararam ter sido “impulsionados” para

a formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas, como praticantes dessas atividades, e que se distanciaram, em algum momento, dessa prática. O contato para a realização das entrevistas ocorreu após o que foi efetuado para resposta ao questionário. Em virtude disso, 16 sujeitos dos 19 possíveis foram entrevistados. Os entrevistados são identificados, na sequência do trabalho, pela letra E, seguida dos números 1 a 16; ou seja, o entrevistado 1 é identificado como E1, e assim sucessivamente.

As informações contidas nos questionários foram organizadas de acordo com procedimentos próprios da pesquisa descritiva (Thomas et al., 2007), os resultados descritos e mostrados em tabelas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, obtendo-se um arquivo do *Word* composto por 38.812 palavras. Para a análise desse material, privilegiamos a proposta de análise temática/categorial de Bardin (1977), e partimos do pressuposto de que o interesse da análise não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que esses poderão ensinar após serem tratados relativamente a “outras coisas”.

Resultados e discussão

A Tabela 1 indica o motivo de os sujeitos terem optado pela formação universitária em EF. Do total de sujeitos que responderam ao questionário (178), 160 (representando 90% do total da amostra) indicam ter sido impulsionados para formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas, como praticantes. Destaca-se que para 134 desses sujeitos (o que representa 75% do total da amostra) a prática de atividades físico-esportivas na juventude emerge como o motivo mais importante.

Os resultados expostos na Tabela 1 nos permitem inferir que, para os sujeitos da pesquisa, a experiência vivenciada na juventude com a prática de atividades físico-esportivas foi positiva, a ponto de terem resgatado a memória amorosa no momento da opção pela formação universitária em EF. Observemos o depoimento:

O que me motivou a escolher EF foi essa questão da minha vivência no campo esportivo, principalmente desenvolvida a partir do ensino médio. E é interessante pensar também, o ensino médio, a gente está ali com quinze, dezesseis, dezessete anos, esse momento do final da adolescência, da juventude, do início da vida adulta, é um período interessante se a gente for pensar essa questão do relacionamento social, entre as pessoas, e essa questão da vivência esportiva, de você poder representar a sua escola através de uma equipe esportiva. Isso te dá, vamos dizer assim, um poder simbólico interessante para você poder se relacionar bem, você ser querido. ...

E naquele momento eu estudava numa escola que levava muito a sério essa questão. ... tinha torcida, tinha hinos, de torcidas. As torcidas iam para as competições escolares. Então, isso foi muito forte assim também, de massagear um pouco o ego, de se sentir reconhecido, isso foi importante nessa vivência. (E3, professor de IES pública)

do ideal do eu, a conexão de sua normatividade libidinal com uma normatividade cultural, ligada desde o alvorecer da história à *imago* do pai” (p. 119). E retornemos a Nasio: “Lacan diria que é o ideal do eu, simbólico, que sustenta o narcisismo” (p. 61). Enfim, para Lacan,

Tabela 1. Motivo ou motivos de ter optado pela formação universitária em EF

Alternativas	Professoras das IES ^a		Professores das IES ^b		Total
	Públicas	Particulares	Públicas	Particulares	
Prática de atividades físico-esportivas	27	37	44	52	160
Influência familiar	03	07	08	06	24
Influência de amigos(as)	01	07	08	14	30
Outros motivos	08	20	19	17	64

Nota. No caso de mais do que um motivo, os participantes assinalaram 1 para o mais importante e, sucessivamente, 2, 3 etc. para os demais, segundo a ordem de importância. Os que assinalaram “outros motivos” foram solicitados a explicitá-los.

^a Das 74 professoras que responderam ao questionário, 28 lecionam em IES públicas e 46 em IES particulares.

^b Dos 104 professores que responderam ao questionário, 48 lecionam em IES públicas e 56 em IES particulares.

Como assinala o entrevistado, “*esse momento do final da adolescência é um período interessante se a gente for pensar essa questão do relacionamento social*”. Realmente, quando indagamos as relações turbulentas do sujeito com seu desejo (Birman, 2001), nos parece legítimo reconhecer que nessa etapa da vida, talvez mesmo com mais intensidade do que em outras subsequentes, “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (Birman, 2001, p. 23). E segue informando o professor: “*representar a sua escola através de uma equipe esportiva te dá, vamos dizer assim, um poder simbólico interessante para você poder se relacionar bem, você ser querido*”. Subtraímos desse extrato a possibilidade de aproximação do “ideal do eu”²² que corresponde, segundo Nasio (1988/1997), a um conjunto de traços simbólicos implicados pela linguagem (pela sociedade, pelas leis). Nesse sentido, “o sujeito encontra um lugar para si num ponto – o ideal do eu – de onde se vê como passível de ser amado, na medida em que satisfaça a certas exigências” (p. 61). Fixemo-nos então na função que Lacan (1966/1998) chama de “apaziguadora,

é em todas as fases genéticas do indivíduo, em todos os graus de realização humana em uma pessoa, que encontramos esse momento narcísico no sujeito, num antes em que ele deve assumir uma frustração libidinal e num depois em que ele transcende a si mesmo numa sublimação normativa. (1966/1998, p. 121)

Portanto, com a prática de atividades físico-esportivas, no emaranhado das relações sociais, o jovem experiencia momentos fortes, simbólicos, momentos que satisfazem a certas exigências e que permitem, como diz o entrevistado, “*massagear um pouco o ego*”. Pensemos um pouco, nesse ponto, sobre a atitude de autoestima. O dito popular “ego inchado”, que estabelece relação direta com o outro, “massagear o ego”, reflete a ideia de Freud de que a autoestima expressa o tamanho do ego, independentemente dos elementos que irão determinar esse tamanho. Em linhas gerais, tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar sua autoestima (Freud, 1914/1974). A autoestima depende intimamente da libido narcísica, diz Freud. Um elemento que apoia essa ideia é a observação de que, nas relações amorosas, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de autoestima, enquanto que o de ser amado os aumenta. Freud afirma

ainda que a finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcisista consiste em ser amado. Precisamente no sentido de ser amado, elabora o entrevistado: “*se sentir reconhecido, isso foi importante nessa vivência*”. Com efeito,

vai de par com a experiência da estima social uma confiança emotiva na apresentação de realizações ou na posse de capacidades que são reconhecidas como “valiosas” pelos demais membros da sociedade; com todo o sentido, nós podemos chamar essa espécie de autorrealização prática, para a qual predomina na língua corrente a expressão “sentimento do próprio valor”, de “autoestima”. (Honneth, 1992/2009, p. 210)

É consensual para os sujeitos entrevistados que a experiência vivenciada na juventude com a prática de atividades físico-esportivas teve sua dimensão positiva, sentiram-se reconhecidos por suas capacidades e realizações. Dentro da escola, mas também fora dela:

Eu me criei dentro do Flamengo, clube ... E esse Departamento de Esporte Amador estava vinculado a promover atividades físicas, esportivas, de ginástica, de várias naturezas, para esse público frequentador do clube, que eram uns “atletas de eventos”, poderia se dizer assim, porque eram eventos atléticos. ... Então vivi isso muito intensamente até os dezoito anos ... Eu acredito que foi prioridade, que gerava satisfação, sem dúvida, gerava satisfação. Acho que não dá para não gerar satisfação quando você tem sucesso. Eu tive sucesso. Eu tive sucesso nos grupos que eu participei, nas atividades individuais, eu tive sucesso. (E11, professora de IES pública)

O quadro interpretativo até aqui delineado nos permite melhor situar o que sejam esses que podem ser denominados de “objetos da atividade narcisista”, correlacionando-os a práticas físico-esportivas de jovens e à busca desses pela formação universitária em EF. Lembremos: (a) a finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcisista consiste em ser amado; (b) com a prática de atividades físico-esportivas, o jovem experiencia momentos fortes, simbólicos, momentos que satisfazem a certas exigências e que permitem sentir-se reconhecido, amado, por suas capacidades e realizações; (c) do total de sujeitos que responderam ao questionário (178), 160 (90% do total da amostra) indicam ter sido impulsionados para formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas, como praticantes; (d) para 134 desses sujeitos, a prática de atividades físico-esportivas na juventude emerge como o motivo mais importante da opção pela formação universitária em EF. Sigamos então, derradeiramente, nas linhas abaixo, a compreensão do esquema: atividades físico-esportivas = objetos da atividade narcisista → formação universitária em EF.

“No desenvolvimento do psiquismo, aparece algo novo cuja função é dar forma ao narcisismo” (Lacan, 1975/1986, p. 137). Sumariamente, vejamos. As atividades ou funções do sujeito³ constituem-se através do contato com os objetos: por exemplo, a função bucal de chupar organiza-se no encontro com o seio. Se isso ocorre com as primeiras atividades do bebê que possuem um substrato reflexo, “o mesmo sucede com as desenvolvidas posteriormente na vida, com o acréscimo de que aparece o olhar [grifo nosso] do outro para catexizar com o reconhecimento narcisista tanto a função como seu objeto” (Bleichmar, 1981/1985, p. 30). O prazer de produzir um texto, por exemplo, da emergência de um produto valorizado por alguém, retorna como estímulo ao sujeito que o cria, em constante dialética. Na atividade narcisada, o sujeito experiencia prazer quando se sente reconhecido por suas capacidades e realizações, voltando-se sobre os objetos que a compõem: é o amor do escritor pela escrita, já que essa lhe outorga o direito de permanecer no trono desejado; do desportista pela prática do esporte, na medida em que essa permite reafirmar seus dotes. Nesse sentido, acaba-se amando aquilo que lhe faz sentir-se amado. A atividade físico-esportiva, portanto, objeto da atividade narcisista, passa a ser prioridade na vida do jovem: “*Eu acredito que foi prioridade*” (E11, professora de IES pública). E a formação universitária em EF, uma opção natural:

Então eu passei a ser aceito pelo grupo, exclusivamente por ser o cestinha todo ano do interclasses, o artilheiro do handebol todo ano no interclasses. Basquete e handebol que foram fundamentais para que inclusive eu fizesse a EF como formação profissional. (E15, professor de IES particular)

Os resultados nos permitem confirmar a hipótese de que a experiência narcisista, relacionada à atividade físico-esportiva, motivou muitos professores de EF a buscar essa formação universitária, quando jovens. É preciso agora indicar um caminho interpretativo, que o nosso exame empiricamente orientado possa desvelar, associado aos destinos do corpo em EF, ou melhor, às atividades físico-esportivas realizadas e às não realizadas; mais precisamente, ao que “impulsiona” as pessoas, ou não, ao encontro delas. Primeiro passo: lidamos neste trabalho com pessoas que experienciaram na juventude um movimento importante de identificação com as atividades físico-esportivas (como praticantes dessas atividades). No que pese essa identificação, poderíamos pressupor que essas pessoas permanecem ativas⁴. Até mesmo porque “indivíduos envolvidos com atividade física na adolescência apresentaram maior probabilidade de serem **suficientemente ativos**⁵ [grifo nosso] na idade adulta” (Azevedo, Araújo, Silva, & Hallal, 2007, p. 70).

Segundo passo: obtém-se do discurso dos entrevistados que o sucesso, a satisfação, o reconhecimento, a maximização dos sentimentos de autoestima, o amor, têm relação com a participação desse jovem em “competições esportivas”, especialmente associadas, direta ou indiretamente, à EF escolar. Consta-se, portanto, a predominante presença do esporte nos programas escolares de EF (Vago, 2009). Como diz a entrevistada:

EF era a disciplina que eu mais gostava. Quando estava na sétima série, eu não sei, me deu um estalo: “eu quero fazer EF”. Primeiro eu queria ser jogadora de vôlei, foi o vôlei mesmo que me levou a gostar. Mas eu gostava tanto da aula de EF, tanto da minha professora, e ela só dava vôlei também na EF. Ai eu me encontrei. (E4, professora de IES particular)

Terceiro passo: pode ser constatado na indicação dos “outros motivos” (como mostra a Tabela 1, 64 sujeitos assinalaram a opção “outros motivos”, e foram solicitados a explicitá-los) o que emerge do extrato acima, isto é, de que a opção pela formação universitária em EF foi também influenciada pelos professores de EF escolar: direta – “Professores de EF na Educação Básica foram inspiradores” (professor de IES particular) – ou indiretamente – “Prática da EF escolar” (professora de IES particular). Mas se por um lado essa constatação nos remete a uma prática de EF na escola que pode ser interpretada como significativamente positiva para alguns, por outro os depoimentos desvelam sua contrapartida: uma EF escolar excludente, porquanto na “organização de qualquer atividade esportiva, os meninos que tinham mais habilidade já formavam os times com aqueles que tinham mais habilidade” (E12, professor de IES pública); uma EF escolar “péssima, que ensinava apenas jogos desportivos e somente participavam os alunos que tinham aptidão” (“outros motivos”, professora de IES particular); uma EF escolar em “que era mais ou menos liberada a presença na aula, que você poderia estar ali na quadra, mas sem fazer nada” (E16, professora de IES particular), e que portanto para se formar o time da **modalidade esportiva narcisada** era preciso, como acrescenta a entrevistada, “fazer contratos, porque se dependesse da turma toda não tinha”. Ou seja, uma EF escolar que aponta para certa “ideologia do rendimento” (Molina & Beltrán, 2007, p. 161), que se revela limitante e negativa na medida em que origina contextos em que são valorizados positivamente aqueles jovens que apresentam melhor rendimento (eficiência, competência motriz etc.), e negativamente aqueles cujo rendimento é menor, chegando ao extremo de gerar intolerância e rechaço para com os mesmos (Molina & Beltrán). Sendo assim, avancemos em nosso caminho interpretativo

associando essa ideologia do rendimento às medidas “ideais”, aos “índices de massa corporal” (IMC) que se aproximam, cada vez mais, da EF⁶ escolar, já que na EF contemporânea a “ordem médica volta a imperar pelo viés (sobretudo biológico) da saúde” (Coelho Filho, 2007, p. 190), ou ainda a um esquema normativo que elicia uma resposta narcisista evidente: “cria o receio de que qualquer desvio da norma tenha uma origem patológica” (Lasch, 1979/1983, p. 74). Como alerta Foucault (1984/1985),

é, a partir dessa aproximação (prática e teórica) entre medicina e moral, o convite feito para que se reconheça como doente ou ameaçado pela doença. A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo, ou por alguém que para isso tem competência. (pp. 62-63)

Portanto, como são poucos os que sobressaem nesse que agora denominamos de “campo normativo de rendimento físico e esportivo”, deparamo-nos com uma EF escolar indicando uma massa de jovens que, devido a certas dificuldades emergidas das práticas físico-esportivas (destaca-se dos depoimentos que o objeto da atividade narcisista é, sobretudo, o esporte coletivo, mas também o esporte individual, o jogo, a dança e a ginástica) e dos testes de medidas, “se sentem excluídos ou marginalizados e vivem uma série de experiências negativas que lhes conduzem à inibição, evitação e mesmo rejeição para com o assunto” (Molina & Beltrán, 2007, p. 158), no caso, a EF escolar, mas também a prática da atividade físico-esportiva. De forma simples, podemos compreender que vai de par com a experiência de tal desvalorização social, de maneira típica, “uma perda da autoestima pessoal, ou seja, uma perda de possibilidade de se entender a si próprio como um ser estimado por suas propriedades e capacidades características” (Honneth, 1992/2009, p. 218). Em outras palavras, o conteúdo emocional da vergonha consiste em uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor; “o sujeito, que se envergonha de si mesmo na experiência do rechaço de sua ação, sabe-se como alguém de valor social menor do que havia suposto previamente” (p. 223). Em certo sentido, isso significa dizer que a violação de uma norma moral, restando a ação, atinge negativamente o “ideal do eu” do sujeito. Merece notar que esse dano vai alcançar, inconscientemente, até mesmo o jovem que elegeu a atividade físico-esportiva como principal objeto da atividade narcisista:

Não tinha como priorizar mais porque não tinha tempo e energia. Na verdade, no final da vida

atlética mesmo, competitiva, que eu não era mais um destaque. Talvez tenha a ver com isso também, passa, vai deixando de ser prioridade na medida em que eu não era mais um destaque. Eu nunca refleti exatamente sobre isso, estou refletindo agora. Por que eu vou dar importância para algo que, no meu modo de entender, na época, como profissional, já devia correr mais atrás da formação profissional, e não deveria mais investir em algo que não me trazia mais aquele estímulo a autoestima? (E15, professor de IES particular)

Essa espécie de vergonha (como diz o entrevistado: “*eu não era mais um destaque*”), “vivenciada somente na presença de parceiros de interação reais ou imaginados, aos quais incumbe de certa maneira o papel de testemunha da lesão dos ideais do ego, pode ser causada pela própria pessoa ou por outrem” (Honneth, 1992/2009, p. 223): no primeiro caso, o sujeito se vivencia como de menor valor, porque ele feriu uma norma moral cuja observância havia constituído um princípio de seu próprio “ideal” (por exemplo, ser um destaque, enquadrar-se em determinado “índice”); no segundo caso, o sujeito é oprimido por um sentimento de falta do próprio valor, porque seus parceiros de interação ferem normas cuja observância o fez valer como a pessoa que ele deseja ser conforme seu “ideal” (por exemplo, o colega de time que agora é o artilheiro e o destaque, o parceiro de interação que supera o seu “índice”). Portanto, a crise moral se desencadeia, e o que passa a ser prioridade não é mais a prática da atividade físico-esportiva; é preciso agora “*correr mais atrás da formação profissional*”, avalia o entrevistado, investir em outros objetos, isto é, novos objetos da atividade narcisista entram em cena, para que o sujeito possa sentir-se novamente brindado com “aquele estímulo à autoestima”. É sobre esse movimento que o quadro interpretativo a seguir vai se debruçar.

Tabela 2. Se tem praticado atividades físico-esportivas regularmente*

	Alternativas	Sim	Não
Professoras da IES	Públicas	20	08
	Particulares	33	13
Professores das IES	Públicas	33	15
	Particulares	38	18
Total		124	54

* Estabeleceu-se como critério de regularidade: frequência mínima de três dias na semana e duração mínima diária de trinta minutos contínuos.

A Tabela 2 indica se os sujeitos têm praticado atividades físico-esportivas regularmente; 54 informaram “não” praticar, o que representa 30% do total da amostra (178).

Os que responderam “sim” foram solicitados a informar o tempo de prática regular (Tabela 3).

Tabela 3. Há quanto tempo mantém a regularidade

	Alternativas	Há menos de 6 meses	Há mais de 6 meses e menos de 1 ano	Há mais de 1 ano
Professoras da IES	Públicas	03	01	16
	Particulares	07	02	24
Professores das IES	Públicas	01	01	31
	Particulares	02	03	33
Total		13	07	104

Pode-se verificar, na Tabela 3, que 20 sujeitos retomaram a regularidade há menos de um ano (13 “há menos de seis meses” + 07 “há mais de seis meses e menos de um ano”), representando 11% do total da amostra. Ao ampliarmos a análise, correlacionando os sujeitos que não têm praticado atividades físico-esportivas regularmente com os 160 (Tabela 1) que declararam ter sido “impulsionados” para formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas (como praticantes dessas atividades), chegamos ao número 48 (o que corresponde a um índice de 30%), já que dos 54 sujeitos que assinalaram “não” (Tabela 2), apenas seis não assinalaram prática de atividades físico-esportivas como fator motivacional para a formação universitária em EF. Quando correlacionamos os sujeitos que declararam estar praticando atividades físico-esportivas regularmente há menos de um ano com os 160 (Tabela 1) que declararam ter sido “impulsionados” para formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas, chegamos ao número 17 (o que corresponde a um índice de 11%), já que dos 20 sujeitos que se declararam praticantes há menos de um ano (Tabela 3), apenas três não assinalaram prática de atividades físico-esportivas como fator motivacional para a formação universitária em EF. Colhe-se dessa análise

que: dos 160 sujeitos que foram “impulsionados” para formação universitária em EF por seus envolvimento com as atividades físico-esportivas, como praticantes dessas atividades, 30% não as têm mais praticado regularmente, e 11 % retomaram essa prática há menos de um ano. Portanto, apesar de terem experienciado na juventude um movimento importante de identificação com as atividades físico-esportivas, a ponto de terem resgatado a memória amorosa no momento da opção pela formação universitária em EF, 41% dos sujeitos se distanciaram, em algum momento, dessa prática.

Recuperemos aqui parte do que já foi dito: na atividade narcisada, o sujeito volta-se sobre os objetos que a compõem. Para avaliarmos a importância desses objetos, analogicamente ao piano ou ainda à plateia para o pianista, privemos o ciclista de sua bicicleta, o tenista de sua raquete e mesmo de alguém a quem se opor; privemos o “jovem-atleta” de certa condição corporal que o permite competir, interagir, se sentir reconhecido: “*tinha torcida, tinha hinos..., de torcidas*” (E3, professor de IES pública). Em todos esses casos, ou mesmo em outros que poderíamos aqui evocar, ficará “um vazio de objeto para realizar a atividade na qual reconhecem-se eficientes e na qual seu ego aproxima-se do ideal” (Bleichmar, 1981/1985, p. 31). O “jovem-atleta” que passa a não mais ostentar o “corpo ideal” opta por investir na trajetória acadêmica, na formação de atletas; os sujeitos da pesquisa que, no emaranhado das relações sociais, encontram-se relativamente distantes da prática de atividades físico-esportivas:

Pesou o lado de formar atletas, já estar com uma idade que eu achava que era difícil de eu conseguir avançar muito no rendimento esportivo. Eu comecei a encarar a parte de estudo, pesquisa, uma coisa que me envolveu desde cedo, de formar novos indivíduos. Então isso me alimentou, de abandonar o lado esportivo, como atleta, e ir para o lado de preparação. (E9, professor de IES pública)

Portanto, “*formar atletas*”, o estudo e a pesquisa, com todo o reconhecimento que pode advir desse movimento no âmbito acadêmico-profissional, são objetos da atividade narcisista que entram em cena e passam a ser prioridade:

Depois que eu entrei para a vida universitária, eu senti de novo uma coisa que foi bacana, que é o reconhecimento das outras pessoas pelo meu trabalho. Então, assim, sair para dar curso, ser convidado. E isso, realmente, não substituiu, mas dá uma tapeada, e te incentiva a estudar para poder melhorar para continuar dando curso. Então, aí sim, a substituição nesse sentido, aí sim. A atividade passa a ser secundária. O que antigamente para mim era o que eu queria, hoje, se der eu faço. Eu vou priorizar

o meu lado acadêmico, justamente por isso. (E14, professor de IES particular)

Os depoimentos contribuem para que possamos conduzir à demonstração empírica. Contudo, importa ainda observar: (a) cada sujeito possui um universo restrito de formas para obter prazer narcisista, (b) cada sujeito buscará aquelas atividades que lhe permitam agraciá-lo com prazer narcisista, e (c) os objetos da atividade narcisista podem ser substituídos, e efetivamente o são ao longo da vida. Com efeito:

O objeto foi substituído. O fato de você querer ser reconhecido, de buscar esse reconhecimento, de buscar esse poder, que naquele momento inicial era a questão da atividade física, passou a ser o envolvimento político, participar de uma gestão de diretório acadêmico, estar envolvido com esse movimento, viajar pelo Brasil inteiro, de certa maneira, de ser reconhecido por outros pares, mas de ser reconhecido. (E3, professor de IES pública)

Assim é que uma nova atividade entra em cena para determinar o que podemos denominar de narcisização do ego, ao passo que o representante interno daquele objeto (prática de atividade físico-esportiva), de certo modo, se perde: “*Essas coisas foram sendo riscadas, eu nem pensava nelas. Mais ou menos assim, é impressionante*” (E11, professora de IES pública). Mas a prática da atividade físico-esportiva pode permanecer como valor latente, até mesmo associado a outro representante interno, quicá mais consciente, porquanto diferente daquela moral (inconsciente) satisfeita que alimentava a autoestima da “jovem-esportista”:

Foi bacana, mas foi ali, depois não dava mais para ser; passaram a ter outras. E agora, está difícil para voltar. Que eu me acostumei na vida sem isso, e tem outra consciência, eu sei que preciso, porque agora não é mais só prazer, é necessidade, eu preciso fazer atividade física. (E11, professora de IES pública)

As professoras entrevistadas e os professores entrevistados, com maior ou menor ênfase, são unânimes em indicar a falta associada à prática da atividade físico-esportiva: “*Então, essa memória, é, esportiva, não sei se é esportiva, corporal, ela está sempre soando. Não é um desligamento que você está satisfeita com ele*” (E10, professora de IES pública); “*a gente sabe dessa importância, a gente tem essa consciência, mas, faça o que eu falo, não faça o que eu faço*” (E7, professor de IES particular); “*Então, realmente, assim, a gente sempre tentou voltar, mas, não sei, por algum motivo*” (E5, professor de IES pública); “*Na verdade, não é a falta de tempo, são*

as preocupações, as ansiedades que a gente tem, de crescimento profissional. ... Na época, a prática era mais importante, hoje não é mais” (E13, professor de IES particular); “Não me sinto completa não, gostaria muito de estar praticando, muito mesmo... Então, isso me frustra, me deixa incompleta, triste, incomodada, porque eu não estou fazendo atividade física” (E8, professora de IES particular).

Mesmo que a prática da atividade físico-esportiva seja valorada como opção de lazer; como dispomos, dia a dia, de mais opções de lazer, as “fatias” de cada uma tendem a se reduzir (Palma, 2009): “*Tem várias coisas para você criar envolvimento nos seus poucos tempos livres. A concorrência é enorme. Atividade física está concorrendo com uma cacetada [sic] de possibilidades*” (E11, professora de IES pública).

É consensual para os sujeitos entrevistados que a prática regular da atividade físico-esportiva passou, em algum momento, a não ser mais prioridade:

A grande questão que hoje eu vejo, que não tenho prioritariamente a questão da atividade física, é o envolvimento com a questão profissional, que acaba que você coloca como prioridade e vai deixando, é..., sempre vai adiando e acaba não fazendo. (E12, professor de IES pública)

Considerações finais

A análise e a interpretação dos dados empíricos coletados no presente estudo permitem confirmar a hipótese de que a experiência narcisista, relacionada à atividade físico-esportiva, motivou muitos professores de EF a buscar essa formação universitária, quando jovens; entretanto, quando passam a alimentar o seu narcisismo na atividade acadêmico-profissional, tendem a se distanciar da prática de atividades físico-esportivas.

Para os professores entrevistados (na juventude, praticantes de atividades físico-esportivas, e hoje não mais), a atividade acadêmico-profissional passou a ocupar o lugar privilegiado na escala hierárquica de objetos que proporcionam prazer narcisista. A prática da atividade físico-esportiva, além de ser deslocada, nessa mesma escala hierárquica, para um lugar inferior, passa a dialetizar com outros objetos similarmente situados em lugar de menor valor hierárquico.

Enfim, com o foco no problema da motivação para a prática regular de atividades físico-esportivas, este estudo nos mostra que a experiência narcisista implica “movimento” e “paralisação”.

Notas

- ¹ Adotamos neste trabalho o uso do termo atividade físico-esportiva por três motivos: (1) porque o que nos interessa é uma aproximação das práticas corporais que se tornaram tradicionais no campo da educação física, como as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças (Vago, 2009); (2) porque constatamos que o termo atividade físico-esportiva tem sido utilizado na literatura científica para caracterizar estas práticas corporais (cf. Molina & Beltrán, 2007); (3) porque não nos interessa adentrar na discussão sobre as relações e/ou desencontros que se estabelecem no campo da educação física entre as noções de atividade física, exercício físico e sedentarismo (Palma, 2009), ou sobre a abrangência do conceito de esporte e suas possíveis conexões, por exemplo, com as noções de prática de atividades físicas e de promoção da saúde (Melo, 2010).
- ² Ou “ideal do ego”. Importa notar que *eu*, ou corpo próprio, refere-se ao *ego-(moi)* laciano, que corresponde ao ego freudiano que abarca, em certo sentido, o superego (Coelho Filho, 2007).
- ³ No caso, sujeito do inconsciente. “Em psicanálise, Sigmund Freud empregou o termo, mas somente Jacques Lacan, entre 1950 e 1965, conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo” (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 742).
- ⁴ Atividade aqui relacionada, importa destacar, a práticas corporais como as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças.
- ⁵ No trabalho consultado, a expressão “suficientemente ativos” indica os sujeitos da pesquisa que não foram enquadrados como “sedentários”.
- ⁶ Sobre a relação entre EF, certa ideologia do ser saudável e medidas antropométricas, ver estudo de Souza Mendes (2009).

Agradecimento

O projeto, cujo presente artigo é um produto, contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG (Número de registro na FAPEMIG: SHA - APQ-01693-08).

Referências

- Alves, A. J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Caderno de Pesquisa*, 77, 53-61.
- Azevedo, M. R., Araújo, C. L., Silva, M. C., & Hallal, P. C. (2007). Continuidade na prática de atividade física da adolescência para a idade adulta: estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública*, 41, 69-75.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Bleichmar, H. (1985). *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente* (E. O. Diehl & P. F. Ledur, Trads.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1981)
- Castro, M. S., Miranda, M., Silva, N. L., Palma, A., & Resende, H. G. (2009). Motivos de ingresso nos programas de exercícios físicos oferecidos pelo Serviço Social do Comércio – SESC – DF. *Revista Movimento*, 15, 87-102.
- Coelho Filho, C. A. A. (2007). *Metamorfose de um corpo andarilho: busca e reencontro do algo melhor*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, B. V., Bottcher, L. B., & Kokubun, E. (2009). Aderência a um programa de atividade física e fatores associados. *Revista Motriz*, 15, 25-36.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (M. T. Costa Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1984)
- Fraga, A. B. (2006). *Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Freud, S. (1974). *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Obras completas. Edição standard brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Honneth, A. (2009). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (L. Repa, Trad.). São Paulo: Editora 34. (Original publicado em 1992)
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (B. Milan, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966)
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (E. Pavaneli, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1979)
- Melo, V. A. (2010). Por uma história do conceito de esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 32, 41-57.
- Molina, J. P. & Beltrán, V. J. (2007). Motor incompetence and performance ideology in physical education: The case of a student with intellectual disability. *Motricidad. European Journal of Human Movemen*, 19, 157-180.
- Moretti, A. C., Almeida, V., Westphal, M. F., & Bógus, C. M. (2009). Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde. *Revista Saúde e Sociedade*, 18, 346-354.
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1988)
- Organización Panamericana de la Salud. (2006). *Impulso panamericano en favor de una dieta saludable y actividad física*. Acesso em 31 de janeiro, 2012, em <http://www1.paho.org/Spanish/DD/PIN/ps060228.htm#Top>
- Palma, A. (2009). Exercício físico e saúde; sedentarismo e doença: epidemia, causalidade e moralidade. *Revista Motriz*, 15, 185-191.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1997)
- Santos, S. C. & Knijnik, J. D. (2006). Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5(1), 23-34.
- Souza Mendes, M. I. B. (2009). Do ideal de robustez ao ideal de magreza: educação física, saúde e estética. *Revista Movimento*, 15, 175-191.
- Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2007). *Métodos de pesquisa em atividade física* (D. R. Sales & M. S. Dornelles, Trads.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1985)
- Vago, T. M. (2009). Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. *Cadernos de Formação RBCE*, 1, 25-42.

Recebido em: 19/03/2012

Revisão em: 01/02/2013

Aceite em: 09/03/2013

Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho é Professor Adjunto da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Faculdade de Educação Física e Desportos, Campus Universitário S/N, São Pedro, Juiz de Fora/MG, Brasil. CEP 36036-900. E-mail: carlos.coelho@ufjf.edu.br

Como citar:

Coelho Filho, C. A. A. (2014). Narcisismo e sua relação com a prática de atividades físico-esportivas. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 194-203.